

O analfabetismo funcional e o direito: o que é um texto?

Existem pessoas que, apesar de saberem ler e escrever formalmente, não conseguem redigir um texto de forma correta nem uma pequena mensagem. E não conseguem interpretar. Talvez por isso o *ChatGPT*



Lenio Luiz Streck
jurista e professor

...ve no lugar de quem não sabe redigir. Bizarro.

Informações do Inaf (índice nacional de analfabetismo funcional) dão conta

de que 38% dos universitários — sim, dos universitários brasileiros — são analfabetos funcionais. Bom, parece alto o índice. De todo modo, fosse 20% já seria demasiado.

Vejamos o tamanho do buraco. E mais: quantos analfabetos funcionais estão em cargos públicos?

Assim, em tese, um em cada três brasileiros (aproximadamente) não consegue entender o conteúdo dos textos — inclusive desta coluna. Isso explica alguns comentários. E explica o que circula nas redes sociais. Eles são muitos. Vencerão.

E muitos se tornam *influencers*. No Direito, *coachings*.

Outro dia escrevi aqui na **ConJur** sobre os [obstáculos epistemológicos](#). Quanta ingenuidade de minha parte. Na verdade, deveria escrever sobre os obstáculos analbetísticos. Há uma barreira do senso comum que impede a compreensão mínima. É como se não tivesse a "barra", a metáfora entre significante e significado. Por isso o público "cola o relé".

O analfabeto funcional é um psicopata epistemológico, por assim dizer. Dá para entender por que a TV tem uma linguagem que liga diretamente a coisa à palavra, como na notícia "o trigo sobe de preço"... e o repórter está pisando... num trugal. Já escrevi muito sobre essa temática: TV e rádio em tempos néscios e Antes de Adnet, mostrei esgotamento de um "modelo".



No direito a coisa chegou com os resumos, resumos de resumos, mastigados, seja f..., simplificados e desenhados. E agora com a dita inteligência artificial vem repaginada como *visual law* e quejandices.

Não surpreende que, no nosso sistema de justiça, um tribunal confunda "no mesmo prazo" com "simultaneamente" ([aqui](#)).

Quem lê petições? Quem lê tanta notícia? Por que TikTtok faz tanto sucesso? Viva o império do simples. Do fácil.

As palavras estão morrendo. Em 1726 Jonathan Swift já denunciava isso, com seu sarcasmo e as vezes nem tão sutil ironia. Um cientista de Lagado descobriu que as palavras podiam ser extintas. Bastava carregar em seu lugar as coisas. Mostrar. Apontar com dedo. Não diga "balde"; apenas mostre o objeto...

Swift também foi o primeiro a denunciar os *emojis*. Em *Viagens*, outro cientista, para eliminar frases, propõe monossílabos e onomatopeias. A literatura sempre chega antes.

Com Swift (e falo apenas dele) dá aprender "direito" melhor do que nas faculdades. Com Machado também. Mas não com machado. A passagem sobre a condenação de Gulliver à pena de morte por ter salvado a rainha do incêndio é impagável... e atual! Comparece-se o Ministério Público das *Viagens de Gulliver* com o que se vê hoje na cotidianidade das práticas. E o que dizer da crítica filosófica aos empiristas, quando "descreve" o conteúdo dos bolsos de Gulliver? Ah, os fatos brutos...

Bom, esforçamo-nos e parece que chegamos lá. E vamos para a terra dos *Houyhnhnms*. Com a certeza de que 38% dos brasileiros (universitários) — e mais um percentual dos já formados — não entenderão esta [Coluna](#).